

Brasília, a nova casa do cinema brasileiro

Governador Joaquim Roriz assina hoje decreto que dá a largada para a criação de um pólo produtor na cidade

Está marcada para hoje, às 15h, no salão nobre do Palácio do Buriti, a largada definitiva da criação do Pólo de Cinema e Vídeo de Brasília. Com a presença de cineastas de Brasília e do eixo Rio-São Paulo, o governador Joaquim Roriz vai assinar o decreto de criação do grupo de trabalho encarregado de, num prazo máximo de 60 dias, apresentar o projeto do Pólo.

O grupo será formado por 18 pessoas, das quais nove são representantes dos órgãos do governo envolvidos no projeto e as outras nove, cineastas de Brasília, do Rio e de São Paulo. O que será exatamente este Pólo, no entanto, é uma incógnita até o momento. Vladimir Carvalho, Roberto Pires, Márcio Cury, Ronaldo Duque, Fernando Duarte, de Brasília, além de Nelson Pereira dos Santos, Aníbal Massaini, Neville D'Almeida e Ana Maria Magalhães certamente vão realizar longas reuniões com os representantes do governo para descobrir o melhor caminho a ser seguido. Algumas indicações, porém, já começam a surgir.

"Entendo este Pólo como um esforço combinado entre empresários, produtores independentes e Estado", sintetiza Vladimir Carvalho. "Qualquer que seja o desenho deste Pólo, ele não pode ser uma ameaça aos pequenos produtores e empresas já instalados na cidade", alerta Márcio Cury. "O grande problema para mim é por onde começar", questiona Roberto Pires. "Acho fundamental terminar os filmes produzidos na cidade, mas ainda inacabados (veja box). Depois, temos que comprar alguns equipamentos, pois se a intenção é fazer em Brasília um Pólo nacional, então não podemos oferecer só a paisagem da cidade como incentivo".

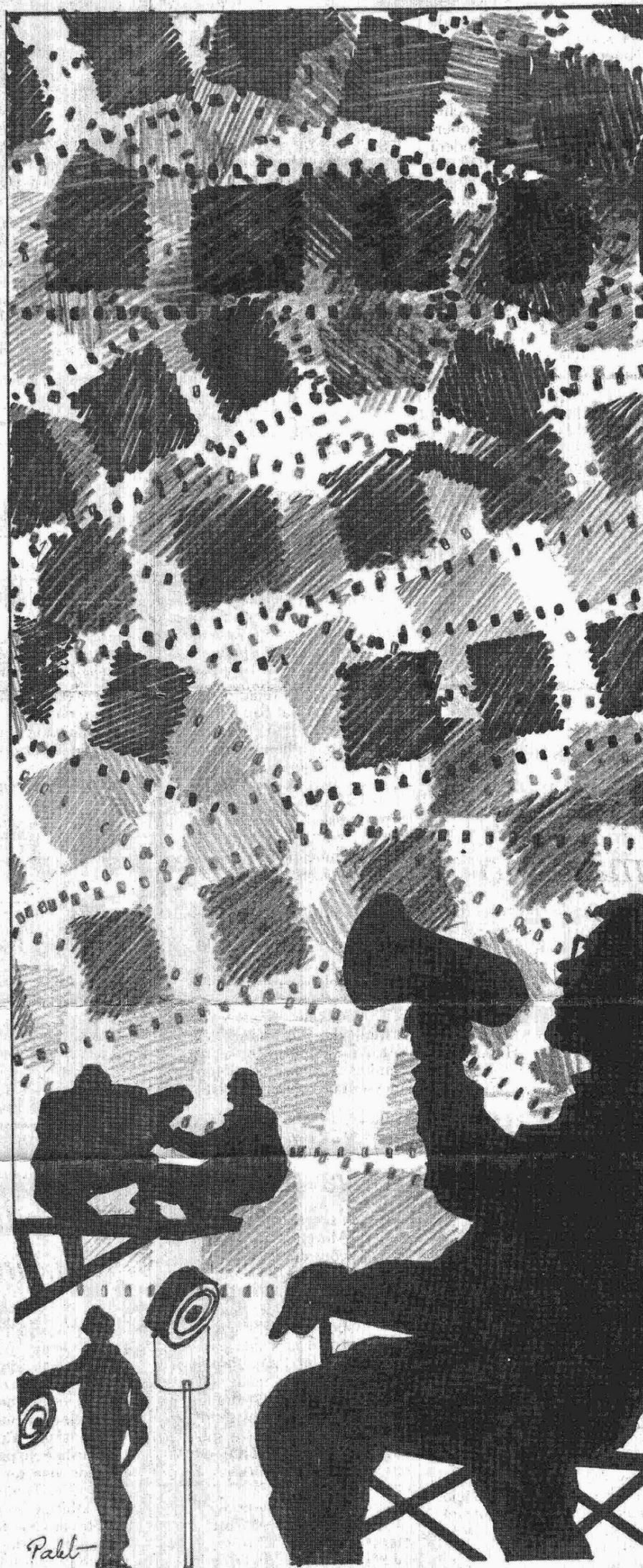
A idéia de criar em Brasília um pólo nacional de cinema e não simplesmente regional já foi mesmo encampada pelo governo: "É um trabalho com índole cosmopolita", adianta o

secretário de Cultura do DF, Márcio Cotrim. "Logo, transcende Brasília". Ao mesmo tempo, Cotrim reconhece a tradição do cinema na cidade e diz que a classe cinematográfica de Brasília será, de antemão, a grande beneficiada.

Tem que dar certo — Otimismo é mesmo a palavra de ordem entre os cineastas da cidade quando se trata de falar sobre o Pólo. "Não admito nem pensar na possibilidade de que este Pólo não dê certo", desabafa Roberto Pires. "A idéia é genial", avalia Ronaldo Duque. E Ana Maria Magalhães, do Rio de Janeiro, diz que virá a Brasília depositando grande confiança na iniciativa política do governador Joaquim Roriz: "Primeiro o trabalho com as crianças e agora este incentivo ao cinema e à cultura, de uma maneira geral. Não há como não lhe dar o meu voto de confiança".

Passada a euforia, vêm à tona inevitavelmente as questões concretas. Para produzir filmes, é preciso dinheiro, e qualquer produtor brasileiro sabe que é isso justamente o que mais tem faltado por aqui nestes últimos tempos. Também do Rio de Janeiro, Júlio Bressane é cômico e grosso na sua avaliação do problema: "Não existe mercado para o filme brasileiro neste País. Então, não adianta emprestar dinheiro com abatimento de 50 por cento, sem juros, não adianta. O Governo tem que investir na produção a fundo perdido, financiar uns 20 a 30 filmes por ano. Mas antes tem que afastar os covetores que afundaram o cinema nacional nos últimos anos. E aí investir em tecnologia de ponta, porque cinema é tecnologia de ponta e o Brasil já tem uma tecnologia de cinema que corre o risco de se perder, fruto de 60, 70 anos de trabalho. É preciso ter em mente que o cinema é muito mais importante que a Nuclebrás, que é o maior e o mais radical meio de aperfeiçoamento do ser humano".

Para Ana Maria Magalhães, o segredo é conseguir ter uma linha de produção: "Assim, produzindo vários filmes, um sucesso cobre um fracasso e é possível ser auto-suficiente sem recursos do Governo". Para Ana Maria, o Governo tem apenas que possibilitar a criação da infra-estrutura básica. "Daí para diante, vamos fazer co-produções nacionais e internacionais e a minha idéia é



tentar explorar o filão ecológico, a proximidade que Brasília tem com a Amazônia".

Ecologia — Neville D'Almeida bate na mesma tecla que Ana Maria: "Vamos preparar o Brasil para a Conferência Mundial do Meio Ambiente, no ano que vem". Neville acha que é necessário criar uma linha de produção de curtas, um grande estúdio de vídeo, além de trazer para a cidade tecnologia de ponta na área de vídeo. "Vamos atrás das grandes empresas japonesas. Vamos fazer aqui um *showroom* dessas empresas". Mas não quer perder tempo: "Mesmo sem essas coisas, começamos a produzir com o que já temos".

Roberto Pires alerta, porém, que o que existe é muito pouco: "Só uma câmera de 35mm em condições de uso, na UnB. Assim você não faz um Pólo. Roda no máximo dois filmes por ano". Já na área de vídeo, Ronaldo Duque avisa que a situação não é tão precária assim: "O que temos de equipamento já dá para o gasto. Acho fundamental agora o Governo abrir linhas de crédito, centralizar as instalações físicas em alguma área do DF e viabilizar a construção de um estúdio grande".

Equipamentos, estúdio, terrenos, linhas de crédito, de alguma forma o governo vai ter que investir no Pólo que se propõe a criar. A dúvida entre os cineastas está justamente em saber até onde vai a disposição do governo em bancar o projeto. Alguns, como Fernando Duarte, pensam em começar de uma forma mais modesta: "Não adianta construir um estúdio para depois ficar todo mundo olhando para ele. O Pólo tem que crescer em função das suas próprias atividades". Já Neville prefere pensar no Pólo em outros termos: "Tem que ser uma coisa forte e de impacto, que atraia para Brasília os melhores talentos do País e que gere um planejamento a curto, médio e longo prazo".

O fundamental nisso tudo, quem resume é Aníbal Massaini: "Temos que estabelecer uma retomada da produção ainda este ano". Segundo ele, a iniciativa do GDF está de acordo com outras iniciativas de governos estaduais que visam preencher a lacuna deixada pelo Governo Federal na área do incentivo cultural. "O medo de que as coisas não funcionem não pode ser um fator inibidor. Temos que fazer avaliações para definir a estrutura necessária. Se a produção nacional decresceu, fatalmente a estrutura que atenda a esta produção deve estar disponível e isto tem que ser levado em consideração".

Como exemplo, Massaini cita o caso dos laboratórios: "Não faz sentido construir um laboratório novo se já existem dois laboratórios ociosos no País. Da mesma forma em se tratando da formação de mão-de-obra, já que no Rio e em São Paulo existem técnicos que não trabalham há meses". Esta estrutura toda, porém, só funciona movida por um combustível chamado dinheiro e aí vale o alerta do paraibano-brasiliense Vladimir Carvalho: "Só serão formados recursos humanos e infra-estrutura se houver município de recursos financeiros o que, no caso do cinema, significa sempre uma quantia considerável".

■ Cesar Mendes

11 FILMES POR TERMINAR

Curtas:	
Bumba Meu Boi, de Jorge Rodrigues.....	35 mm
Veiga Vale, de Lyonel Luchini.....	35 mm
Olhos D'Água, de Liloye Boublil.....	35 mm
Despertar do Gigante, de Gioconda Caputo e Sergio Moriconi.....	16 mm
Babaçu, de Lyonel Luchini.....	16 mm
Infância, de Nevinho Alarcão.....	16 mm
Longas:	
A TV Que Virou Estrela de Cinema, de Yanko Del Pino e Márcio Cury.....	16 mm
Papuda — Espaço Perdido, de Rafael Camargo.....	16 mm
A Explosão Aborígene, de Pedro Anísio.....	16 mm
Última Floresta, de Celso Lucas.....	16 mm
Conterrâneos Velhos de Guerra, de Vladimir Carvalho.....	16 mm